

# O País cresce. Mas isto pode virar pesadelo.

A economia brasileira está correndo o risco de chegar a uma situação explosiva, até o final do ano, se alguma coisa não for feita para conter o consumo. A série de indicadores positivos que vem sendo divulgada por vários órgãos, como crescimento do nível de emprego, da atividade da indústria, das vendas do comércio e das exportações, poderá provocar uma crise de abastecimento, pois a procura tenderá a ser superior à capacidade de produção da indústria. Esta análise vem sendo feita por empresários de São Paulo e consultores de empresas. A conclusão é que o otimismo que chegou a tomar conta do governo por algumas semanas poderá virar pesadelo. E com inflação ainda mais alta.

## "Manequim 56"

"A situação da economia é semelhante a de um manequim 56 que é obrigado a se ajeitar num terno 50 e ficar na expectativa para ver até quando a roupa agüenta." A comparação é de Márcio Orlandi, um dos diretores da empresa de consultoria econômica Arthur Andersen.

As inúmeras intervenções do governo na economia, diz ele, na tentativa de conter a inflação acabaram represando diversos fatores, cuja liberação está provocando um verdadeiro boom. Entre esses fatores, está a desvalorização do cruzado em relação ao dólar, ativando as exportações, a liberação dos preços, a liquidez motivada pelo aumento da massa salarial, da redução dos depósitos da poupança e do dinheiro vindo da agricultura.

Até certo ponto, diz Orlandi, é natural que a economia esteja reagindo, pois este é o período em que fatores sazonais pressionam para cima. O problema, segundo o consultor, é que quando existe uma "excitação de consumo", como agora, o planejamento econômico das empresas se desorganiza. Além disso, a indústria está trabalhando quase no limite de sua ca-

pacidade. Orlandi prevê que se as coisas continuarem no mesmo ritmo, sem que as empresas aumentem os investimentos no setor produtivo e o governo faça aplicações em infra-estrutura de apoio, em breve a economia entrará num processo recessivo forçado.

## Os números do IBGE

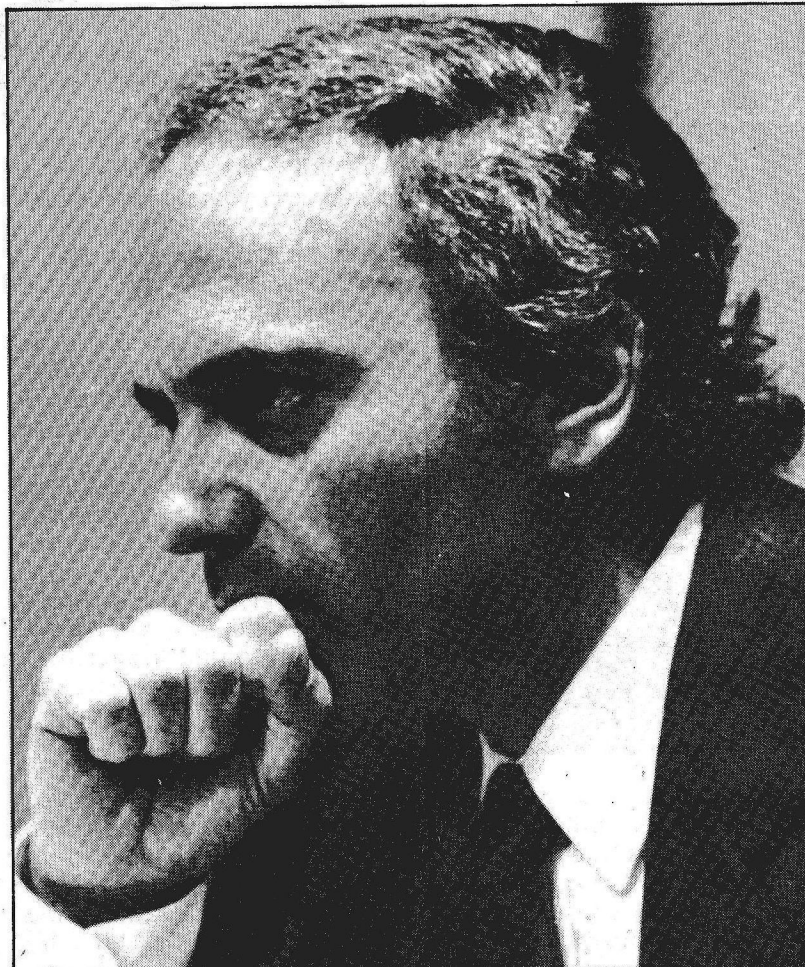
O diretor da Arthur Andersen chama a atenção ainda para um outro aspecto. É possível que os indicadores divulgados até o momento não tenham levado em consideração o desempenho da economia informal. Esse setor, diz ele, é muito forte e também pressiona muito a economia. A participação desse segmento no PIB, segundo ele, deve estar em cerca de 30%, embora o IBGE só admita 13%.

Ontem, o IBGE divulgou, em São Paulo, o desempenho regional da indústria, em julho deste ano sobre o mesmo período de 1988 sem mencionar a economia informal. O maior crescimento foi apresentado pela indústria de Santa Catarina, com 10%. A segunda posição é de São Paulo, com 7,1%, seguida pelo Rio Grande do Sul, onde a indústria cresceu 6,5% e o Rio de Janeiro, 6,1%. A indústria de Minas Gerais e de Pernambuco também tiveram desempenho positivo, enquanto a Bahia e o Paraná apresentaram taxas negativas.

De janeiro a julho, o melhor resultado foi o do Paraná (1,7%), seguido pelo Rio de Janeiro com 0,9%, mesmo percentual do Rio de Grande do Sul. Os demais resultados são todos negativos, inclusive São Paulo, onde a indústria apresentou uma queda, no período, de 2%, junto com Pernambuco. De 1981 até julho passado, a indústria paulista cresceu 8,3%, um pouco mais que a metade do incremento a nível nacional (16,1%).

## O Lado Real

Todos estes números, além de outros indicadores já divulga-



Orlandi: consumo é excessivo.

dos, segundo o economista Andréa Calabi, ex-titular da Secretaria do Tesouro, demonstraram que "o lado real da economia se movimentou". Para Calabi, o que deve preocupar é o que chama de "crise no curto prazo", que compreende a inflação alta e o desajuste fiscal do governo. A economia brasileira, segundo o economista, "tem esta idiosincrasia do crescimento. O lastro que sustenta nossa economia é mais forte do que a possibilidade de crise". Calabi concorda que, de fato, o nível de investimento é baixo, mas tende a aumentar, inclusive por causa do clima de euforia. E não crê que exista excesso de dinheiro na economia, pois entende que as taxas de juros do over funcionam como enxugamento da liquidez.

De acordo com dados da

Associação das Empresas de Crédito, Financiamento e Investimentos (Acrefi), os saques das cadernetas de poupança vêm apresentando um comportamento "equilibrado", embora superiores aos depósitos. Em junho, os poupadores retiraram NCz\$ 1,181 bilhão a mais do que depositaram, contra NCz\$ 939,4 milhões em julho e NCz\$ 887,8 milhões em agosto. Não há dúvida, segundo Carlos Ximenes, diretor de Investimentos do Banco Crefisul, de que os investidores de caderneta vêm utilizando o dinheiro como complementação salarial. Mas só os pequenos. Os grandes poupadores, diz ele, continuam firmes no overnight, onde rola uma quantia de cerca de US\$ 50 bilhões (quase NCz\$ 250 bilhões).

Maroni J. da Silva